

ESQUIZOFRENIA E OS “INUMERÁVEIS ESTADOS DO SER”

Gabrielly Tkaczyk Costa
Vitória Tkaczyk Costa
Elisama Fernanda Valentim Silva

Fabiane Helene Valmore
fabiane.valmore@escola.pr.gov.br

Colégio Estadual Rodolpho Zaninelli, Curitiba, Paraná

Resumo

O objetivo desta pesquisa qualitativa é descrever a esquizofrenia como uma forma de redução de estigmas, não pela psiquiatria tradicional e hegemônica, mas a partir do legado da Dra. Nise da Silveira, médica brasileira que revolucionou a psiquiatria se negando a aplicar eletrochoque no antigo Hospício de Engenho de Dentro. No lugar dessa prática considerada por ela uma expressão da tortura, Nise criou espaços humanizados de expressão livre, criativa e espontânea no interior dos quais, os sintomas da esquizofrenia passaram a ser compreendidos como “inumeráveis estados do ser”, expressão de Antonin Artaud adotada por Nise. “Emoção de lidar” substituiu o nome Terapêutica Ocupacional, seção dirigida por ela e que se desdobrou na fundação do Museu de Imagens do Inconsciente em 1952, em funcionamento até hoje no, agora, Instituto Municipal Nise da Silveira. Buscando saber sobre a esquizofrenia, tomamos como exemplo o Documentário Estamira, lançado em 2004 e dirigido por Marcos Prado. Estamira Gomes de Sousa foi uma mulher diagnosticada com esquizofrenia, cuja história de vida marcada pela violência e abandono e pela experiência da loucura e tamanha lucidez é mostrada de forma marcante neste documentário. Foi ela quem disse: **“Eu sou à beira do mundo, a visão de cada um”**.

Palavras-chave: Esquizofrenia; Nise da Silveira; Estamira; Loucura; Saúde Mental.

INTRODUÇÃO

A ideia desta Pesquisa de Iniciação Científica surgiu a partir de uma fala da professora Fabiane Valmore, coordenadora do Clube de Ciências Arte, Cultura e Saúde Mental do Colégio Estadual Rodolpho Zaninelli, que mencionou o fato da condição da Esquizofrenia não possuir uma resposta definitiva oferecida pela Psiquiatria. A partir disso, nasceu o interesse em explorar o que é a esquizofrenia, principalmente para contribuir com as pessoas que ainda não conhecem o tema, com o objetivo de ajudar a desconstruir o preconceito e os estigmas sociais que associam transtornos mentais à loucura, e, portanto, à violência. Infelizmente, o preconceito contra o “anormal” ainda é

muito presente na sociedade, fazendo com que pessoas diagnosticadas com esquizofrenia sejam frequentemente vistas como “loucas”, “perigosas” ou “incontroláveis”, sendo excluídas da sociedade e até da família por medo ou por pura falta de compreensão e conhecimento a respeito desse modo bastante singular e radical de existir no mundo. Essa exclusão pode agravar ainda mais o sofrimento psíquico, dificultando o acesso ao cuidado psicossocial adequado e à reinserção social.

Por meio desta pesquisa qualitativa buscamos promover uma reflexão sobre diferentes modos de se enxergar a esquizofrenia, abordando tanto os aspectos médicos quanto os psicossociais, individuais e coletivos envolvidos nessa condição de sofrimento psíquico grave que a sociedade ainda precisa compreender melhor e respeitar. Pretende-se aqui com esta pesquisa inspirada no legado humanizado e sensível da Dra. Nise da Silveira (1905-1999) poder contribuir com a disseminação de conhecimento interessado em transformar a forma como os pacientes/usuários de serviços de saúde mental são tratados e percebidos, inclusive na família e na escola. Ao incentivar a expressão por meio de atividades livres, criativas e espontâneas e de escuta acolhedora, foi possível criar um ambiente terapêutico mais respeitoso e humanizado e assim Nise criou o conceito de “afeto catalisador” provando que “o que cura é a alegria, é a falta de preconceito”.

Utilizando a história de vida de Estamira Gomes de Sousa (1941-2011) como exemplo reconhecido de pessoa diagnosticada com esquizofrenia que soube nos deixar grandes ensinamentos, muitos deles, considerados filosóficos e de extrema lucidez, queremos aqui discutir justamente a condição de pessoas diagnosticadas com esquizofrenia - para a psiquiatria tradicional, um grande problema de saúde pública em todo o mundo e objeto de práticas e experimentos medicamentosos, enquanto que para Nise da Silveira, pessoas humanas carregadas de “inumeráveis estados do ser” (SILVEIRA, p. 31, 1998) - complexos mas não impeditivos de pensar, amar e se emocionar, portanto portadores do direito de conviver em sociedade e de serem tratados em liberdade.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

Esta pesquisa qualitativa está sendo realizada por meio da leitura de livros escritos pela própria Dra. Nise da Silveira como “Gatos, a emoção de lidar” (1998), Cartas a Spinoza (1995) e Imagens do Inconsciente (2015) e de entrevistas concedidas por ela, principalmente a que se seguiu como Posfácio à Trilogia Documental Imagens do Inconsciente produzida por Leon Hirszman. Além do livro “Nise da Silveira, uma psiquiatra rebelde” de autoria de Luis Carlos Melo, diretor do Museu de Imagens do Inconsciente que conheceu e trabalhou com a Dra. Nise da Silveira. Estamos fazendo visitas às Universidades Públicas, como a Faculdade de Artes do Paraná, a UTFPR e a UFRP tanto para a realização de atividades artísticas como de pesquisa. Participamos do II Encontro de Luta Antimanicomial na UFPR em Maio de 2025, mês que celebra a Luta Antimanicomial e apresentamos na ocasião o nosso interesse pelo tema da Esquizofrenia.

Tivemos a oportunidade de assistir à estreia do primeiro álbum do cantor e compositor Andrén Rhuan, com músicas autorais focadas em saúde mental e em experiências próprias de quando ficou internado em uma clínica psiquiátrica privada de Curitiba. Pesquisas acad  micas como a de Felipe Magaldi, premiada pela CAPES: A Unidade das Coisas: Nise da Silveira e a genealogia de uma psiquiatria rebelde no Rio de Janeiro, defendida na Antropologia Social da UFRJ em 2018 fazem parte dos nossos estudos para esta pesquisa e nos ajuda na compreensão da temática e também como exercício de aprendizagem a respeito da estrutura de trabalhos acad  micos-científicos.

Assistimos ao documentário Prisioneiros da Passagem que mostra Arthur Bispo do Rosário e a condi  o de sobrevivência desumana a que foi submetida durante 50 anos de internac  o na antiga Col  nia Juliano Moreira. Bispo também foi diagnosticado com Esquizofrenia e por escutar vozes que ele concebeu como sendo as de Deus, obedeceu-as, representando as coisas da terra para mostrar para Deus no dia da sua Apresenta  o. Segundo ele próprio, se não tivesse que obedecer às vozes que o ordenava, não teria reproduzido as coisas da terra “para mostrar no dia de sua apresenta  o”. E isto nos chama    aten  o. Vimos o Documentário Estamira, de Marcos Prado, de 2004, no qual nos inspiramos aqui para pensar a Esquizofrenia a partir de um olhar diferente daquele apresentado no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associa  o Americana de Psiquiatria (DSM) e no Código Internacional de Doença (CID - Classifica  o de Transtornos Mentais e de Comportamento). Não se trata aqui de neg  los, mas de buscar identificar e compreender a partir das Ciências Sociais e Humanas, determinantes sociais de adoecimento psíquico antes que sintomas e diagnósticos. Estamira junto com Bispo do Rosário, a banda Harmonia Enlouquece e o Coletivo Carnavalesco T   Pirando, Pirado, Pirou!, dentre outras experiências consolidadas de arte, cultura e saúde mental do Rio de Janeiro e de outras regiões do Brasil nos ensina inspirados em Nise da Silveira que pessoas em sofrimento psíquico grave, como as que vivenciam experiências consideradas da ordem da loucura são pessoas que vive(ram) experiências de sofrimento, de adoecimento psíquico e no limite, de enlouquecimento.

Buscando nos aproximar do tema da saúde mental tanto do ponto de vista subjetivo como histórico e das políticas públicas de saúde mental fizemos uma entrevista com a Coordena  o de Saúde Mental da Secretaria de Saúde de Curitiba para perguntar sobre o trabalho de Nise da Silveira, sobre a esquizofrenia e sobre como o SUS de Curitiba lida com esta questão. Estamos transcrevendo esta entrevista de quase quatro horas e esperamos aprofundar esta pesquisa que consideramos importante tanto para o campo científico como para a sociedade a começar pela nossa própria escola, que sabemos tem colegas estudantes passando por situa  es de sofrimento psíquico, e experimentando parte do que desejamos compreender e lutar para reduzir, por exemplo, o estigma e o silêncio ao redor e dentro de si próprio em rela  o a questões de saúde mental.

RESULTADOS ESPERADOS/PARCIAIS

Com a continuação desta pesquisa, esperamos fazer considerações com maior profundidade sobre a esquizofrenia do ponto de vista da Dra. Nise da Silveira e de Estamira, buscando com isso ampliar a compreensão sobre processos sociais de enlouquecimento e contribuir com a redução do desconhecimento e dos preconceitos que infelizmente ainda existem na sociedade sobre aquilo que se acha “estranho”. De acordo com a Coordenação de Saúde Mental da Secretaria de Saúde de Curitiba, em entrevista concedida para o nosso Clube de Ciências em 13 de Maio de 2025:

A saúde mental é multifatorial. Ela nunca é um problema unicamente biológico. [...] Nunca é só uma questão social. [...] ela tem a ver com condicionante de vida, com a organização familiar, com todos os fatores que envolvem aquele ser. Por isso que é muito complicado, quando a gente fala em saúde mental, pensar numa intervenção só medicamentosa. [...] Nunca é só um medicamento. Sempre tem que ser um medicamento com outras terapêuticas, por vezes com arte, por vezes psicoterapia, às vezes atividade física, às vezes a família vai precisar entrar junto dessa terapêutica também. [...] **A gente percebe que a crise, ela sempre vai num crescente. Até que explode.**

Esperamos também criar interesse nas pessoas sobre os determinantes sociais de adoecimento psíquico. Estamira não enlouqueceu do nada. Muitas vezes a vida das pessoas é infelizmente triste, e quase nunca acaba como nos filmes "Felizes para Sempre" - as pessoas reais não vivem como nas eternas Propagandas de Margarina. O preconceito impulsiona a depressão e o isolamento social de pessoas estigmatizadas como “loucas”, “estranhas” e “diferentes” e Estamira nos mostra o quanto diferentes formas de violência, pobreza, exclusão e descaso social e familiar adoecem. São de Estamira Gomes de Sousa, mulher que sobreviveu no Aterro Sanitário de Jardim Gramacho, em Duque de Caxias, na baixada fluminense, as seguintes palavras: **“Nós também temos nossos lixões, nossas guerras particulares, nossos atritos.”** Estamira nos inspira e ajuda não só a nós que estamos fazendo esta pesquisa, e por isso queremos que outras pessoas possam entender melhor sobre o que é a condição da esquizofrenia, algo que não é fácil de lidar, mas que não precisa ser excluído da sociedade. Esperamos que as pessoas realmente gostem de saber sobre a Estamira, sobre a Dra. Nise da Silveira e sobre políticas públicas de saúde mental antimanicomiais. Que vejam a esquizofrenia de modo diferente e os “inumeráveis estados do ser” como condições de existência humana ainda que radicalmente singulares. Esperamos que essa pesquisa contribua de várias maneiras, mas principalmente para pessoas bastante leigas nesse assunto. Que a pesquisa também contribua para que mais pessoas possam ter maior interesse sobre o tema da Saúde Mental justamente para entender que apenas medicação psiquiátrica não cura e que condições ruins de vida também adoecem e nos empurram para longe do convívio social. No Documentário que mostra a história de Estamira com cenas dela no maior lixão da América Latina e que na vida real durou mais de 20 anos, **Estamira diz: “Tem gente que não aguenta a vida no lixo”. E nós perguntamos aqui: quem aguenta(ria)?**

CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÕES

Sempre que falamos sobre ciências, pensamos no espaço, na natureza, nas células, em tudo menos na saúde mental, na psicologia e na sociologia. Essa constatação por si só já é um ganho para nós estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública. Então, depois de tudo isso, esperamos que a pesquisa alcance o nosso público desejado (pessoas comuns, do dia a dia, da nossa própria família e da escola) para conscientizá-lo sobre a esquizofrenia e diminuir o preconceito contra as pessoas que têm essa condição, para que conheçam também a emocionante história de vida da Estamira e o trabalho da Nise da Silveira, uma mulher que revolucionou o tratamento psiquiátrico.

Apesar do conhecimento já existente, ainda há estigmas e julgamentos sobre quem vive a esquizofrenia, um “problema de saúde mental” equiparado à loucura. Os próprios meios de comunicação de massa contribuíram para estigmatizar pessoas da ordem da psicose quando apenas dão visibilidade a elas por meio de recortes de crises vinculadas a crimes. Não à toa o debate antimanicomial apenas agora está se fortalecendo em relação aos manicômios judiciais. Loucura e Crime representam tabus que a sociedade ainda expressa dificuldades e desconhecimento gritantes. Reforçamos aqui a importância da empatia e do respeito e que mais pessoas possam se interessar por estudar e pesquisar esse assunto da vida real e que percam o preconceito que elas carregam sobre pessoas com experiências muito singulares de delírio, de alucinações, de escutar vozes, pois até estas experiências não estão isentas do contexto de vida das pessoas que as vivenciam. **Como a própria Nise dizia “o que cura é a falta de preconceito”. E foi o grande Guimarães Rosa que na Terceira Margem do Rio disse: Ninguém é doido. Ou então, todos.**

Demos início na escola às conversas em sala de aula perguntando para os alunos o que eles sabem sobre a palavra esquizofrenia e foi surpreendente escutá-los seja comentando que possuem familiar diagnosticado com esquizofrenia seja afirmando situações nas quais foram ofendidos por meio desta palavra como uma forma de xingamento. Conversar com estudantes de 6º a 8º anos na presença de professores que nos dão este espaço é para nós oportunidade de diálogo e de aprendizagem mas também rico momento de construir diálogos empáticos e de desconstruir preconceitos.

REFERÊNCIAS

DESINSTITUTE. **Estamira: o pensamento crítico silenciado pelo diagnóstico e pela marginalização**. Disponível em: <<https://desinstitute.org.br/sobre/>>. Acesso: 7 de agosto de 2025.

JACINTHO, A. C. A. **O tesouro de Estamira**. Entrevista disponível em: <<https://ihu.unisinos.br/entrevistas/6797-o-tesouro-de-estamira-entrevista-especial-com-antonio-carvalho-de-avila-jacinto>> Acesso: 04 de maio de 2025

MELLO, L.C. **Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde**. 2009.

MELLO, L. C. **Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde**. Curitiba: Museu Oscar Niemeyer, 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **11ª Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/11-2-2022-versao-final-da-nova-classificacao-internacional-doencas-da-oms-cid-11-e>> . Acesso: 22 de maio de 2025.

PRADO, M. **Estamira**. disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wHISEEXMh4&t=97s>> . Acesso: 26 de março de 2025.

SILVEIRA, N. **Gatos, a emoção de lidar**. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1998.

_____. **Imagens do Inconsciente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SOUZA, M.A. **Pode Estamira falar?: o cinema documentário brasileiro e a voz do sujeito subalterno**. Revista Arredia, Dourados, MS, Editora UFGD, v.4, n.6, 2015